

ENCANTARIA E O INFANTIL NA UMBANDA

THE ENCHANTED BEINGS AND THE CHILDISH IN UMBANDA

Júlia Ritez Martins

Universidade de São Paulo (FFCLRP)

José Francisco Miguel Henriques Bairrão

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO

O objetivo deste estudo foi comparar características de duas classes espirituais que se manifestam na umbanda, crianças e encantados. Foi realizado um levantamento bibliográfico a respeito dessas entidades e pesquisa de campo em três terreiros do interior de São Paulo. Observaram-se manifestações rituais desses “guias”, suas relações com os adeptos e foram feitas entrevistas com os médiuns incorporados e escutaram narrativas a respeito delas. A análise comparativa apoiou-se nas teses da psicologia analítica a respeito do arquétipo do puer. Foi possível perceber que, assim como as crianças, os encantados podem ser associados a futuridade, a potencialidades e a plasticidade. No entanto, para além dos espíritos infantis, a encantaria é pura possibilidade, podendo se apresentar em qualquer outra linha e trazer para a vida dos médiuns o convívio explícito e literal com o mundo dos sonhos e do mistério. Portanto o culto a essas entidades na umbanda se relacionaria a necessidade, por parte dos adeptos, de ampliar e enfatizar aspectos psíquicos associados a essas linhas (maleabilidade, criatividade), permitindo que características associadas ao arquétipo do puer se alargassem a outras categorias do panteão umbandista.

Palavras-chave: psicologia da religião, etnopsicologia, cultos afro-brasileiros, encantados, infantil.

ABSTRACT

The objective of this research was to compare the characteristics of two umbanda spiritual classes: one known as "encantados" (enchanted beings) and the other as the 'children's spirit class'. The field research was realized in three different umbanda's ritual places, all of them in the state of São Paulo. Interactions among these spirits and their consultants were observed and interviews were realized with these 'entities' (while their mediums were 'incorporated'). Narratives from the people who have interacted with them were also collected. A bibliographical survey about these two types of spiritual classes was made and our comparative analyses relied on analytical psychology theories about the archetype of the puer. It could be observed that as the children's spiritual class, "encantados" are associated to futurity, potentiality and plasticity. The "encantados" are 'pure possibilities', and may manifest themselves in any other spiritual line, bringing to their "mediums" lives an explicit and literal interaction with the world of dreams and mysteries. Therefore, the worship of these entities in umbanda is related to the adepts' needs for expanding, emphasizing psychological aspects associated with them (such as flexibility and creativity), allowing the characteristics associated with the archetype of the puer to be broaden to the others categories of umbanda's pantheon.

Key-words: psychology of religion, ethnopsychology, afro-brazilian cults enchanted beings, childish.

INTRODUÇÃO

Durante pesquisa sobre os sentidos dos encantados e a introdução do seu culto na umbanda da região Sudeste (Martins, 2011), foi observado que havia uma particular proximidade entre a linha dos

espíritos infantis e da encantaria. A dirigente de um dos terreiros onde o estudo foi realizado contou que os espíritos de crianças seriam associados à linha dos encantados por seu grande conhecimento e poderes. A partir disso, as relações e intersecções observadas, em pesquisa de

campo, entre esses dois tipos de entidades contribuíram para revelar algumas particularidades dessas categorias e sobre sua relação com os adeptos do culto. Além disso, buscou-se compreender os benefícios que a presença do culto a essas entidades proporciona àqueles que participam do ritual.

Considerando isso, esse estudo se propõe a descrever as principais características de duas categorias de entidades do panteão umbandista (linha das crianças e dos encantados), suas influências, intersecções e papel que desempenham no culto umbandista.

Para efeito de análise, em que se propõe um diálogo entre perspectivas etnopsicológicas, adotou-se a compreensão da psicologia analítica de infantil. O arquétipo da criança é um tema de difícil compreensão, pois "o motivo da criança é extremamente mutável" (Jung 2000, p. 161). Ele pode ser associado à criança, ao herói, ao divino, ao messias, ao filho da grande mãe. Muitas são as possibilidades de representação desse arquétipo. Jung (2000) destaca ainda: a pérola, a flor, o vaso, o ovo dourado, a quaternidade e a esfera de ouro como possibilidades de imagens associadas a esse tema.

Além disso, a criança pode ser entendida como um símbolo de renovação (Von Franz, 1992). Ela representa o fluir da vida e também a possibilidade de maturação e o desabrochar das potencialidades (futuridade).

Jung (2000) apresenta o arquétipo infantil como a manifestação de forças vitais, capaz de solucionar conflitos psíquicos através da integração de noções opostas. Está relacionado ao mais forte impulso do ser: a busca por realizar-se a si mesmo (processo de individuação/ ir em direção ao núcleo do Ser: Self).

Assim sendo, a criança dentro da perspectiva arquetípica, é vista como sendo um estado de antecipação da consciência que virá, relaciona-se ao desenvolvimento rumo à autonomia, à renovação e à autorrealização

MÉTODO

Foi realizado um levantamento bibliográfico a respeito dos cultos afro-brasileiros, no que diz respeito às duas categorias de entidades abordadas nesse estudo. A partir disso, foi realizado um cruzamento das informações obtidas através do estudo da literatura e da pesquisa de campo. Com isso, buscou-se verificar as diferentes influências que contribuíram para a elaboração desses tipos espirituais nos terreiros estudados.

A pesquisa de campo foi realizada de julho de 2006 a setembro de 2011, em três terreiros de umbanda: Templo de Umbanda Caboclo Trovão (Rio Claro/SP), Terreiro de Umbanda Pai José do Rosário (Ribeirão Preto/SP) e Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro (Jundiaí/SP). Essas Casas foram escolhidas pelo fato de valorizarem o culto a essas entidades a ponto delas serem incorporadas nos rituais com uma frequência maior do que costuma acontecer na maioria dos terreiros.

Foram observadas as manifestações rituais, o modo e as ocasiões em que essas entidades apareceram no terreiro, além de objetos, músicas rituais, seus gestos, formas de interação, etc. Também se escutou as suas narrativas e histórias a seu respeito.

A análise dos dados se deu ao longo de todo o percurso da pesquisa. Sua finalidade foi a de resgatar o sentido e usos rituais das entidades nos termos umbandistas, pois para estudar o fenômeno religioso é necessário fazer valer os critérios próprios do contexto, sendo pouco produtivo e mesmo estéril alimentar questionamentos sobre a veracidade da experiência socialmente compartilhada pelos colaboradores. Nesse sentido, a interpretação foi um processo construído a partir da interlocução e convivência entre pesquisador e colaboradores, de maneira qualitativa.

A análise dos dados buscou compreender também quais necessidades individuais e coletivas estariam

relacionadas ao culto a essas entidades; reconhecer quais sensações são despertadas nos adeptos, em quais momentos e contextos aparecem nos rituais e na vivência dos frequentadores e médiuns.

Cabe assinalar que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Princesas, reis, tubarões, sereias, entre outros: a linha da encantaria.

O culto aos encantados, segundo os especialistas que estudaram suas manifestações (cultos, festas, narrativas, etc.) derivaria de lendas européias, além de se relacionar a histórias de príncipes e princesas encantadas. Para eles, também é possível notar a influência de concepções indígenas, tais como a ideia de um lugar (encantaria) situado abaixo da superfície terrestre para onde esses seres retornariam após os rituais em que são incorporados. Cabe acrescentar que noções africanas como a de orixá, que igualmente não se confunde com as entidades espirituais, parecem ter contribuído para a construção dessa categoria de entidades (Maués, 2005; Maués; Villacorta, 2001).

Trata-se de seres que não teriam morrido, mas se transformado em animais (Ferretti, S. 1996; Ferretti M., 2000, 2008; Maués; Villacorta, 2001; Prandi; Souza, 2001). Organizam-se em famílias e seu culto teria sido trazido para a região Sudeste por Francelino de Xapanã, que fundou a Casa das Minas de Tóia Jarina, da qual derivaram outros terreiros (Prandi, 2005).

Através do estudo da literatura acadêmica a respeito do termo encantado¹ é possível perceber que muitas são as versões e influências associadas a essas entidades, que se mostraram um tema rico,

com múltiplos sentidos e aberto a ampliações.

A partir da pesquisa de campo, por exemplo, observou-se que essa categoria de entidades aparece associada a ausência de limites, ou de contornos que torna a convivência com o encanto, a princípio, assustador. Ao se mostrarem como seres com corpo, que podem se transformar em animais ou permanecerem invisíveis, remetem a plasticidade da linha e parecem não se preocupar com a plausibilidade de suas narrativas.

A umbanda, de maneira geral, é flexível, atenta às necessidades de seus adeptos e da sociedade em que se insere. Entretanto, os guias espirituais mostram, em suas histórias, organização de linhas do panteão etc, um compromisso em ser plausível. Há regras que precisam ser cumpridas. Um caboclo, por exemplo, quase sempre é associado ao índio e sua postura, gestos, objetos rituais e falas remetem à mata, à aldeia, etc.

Já os encantados são submetidos apenas às regras do maravilhoso, são figuras que parecem tiradas de um conto fantástico, como num sonho compartilhado: princesas, rainhas gregas, tubarão, pássaros surgem contando histórias de um tempo fora do tempo, de uma terra encantada da qual eles retornam em seu grande navio. Um navio que também pode trazer os invisíveis de volta à vida, nem mesmo a morte é certa em seu mundo.

Durante o transe das demais entidades umbandistas, o médium assume determinadas posturas, ações e trejeitos característicos de cada espírito, como por exemplo, no caso do transe de pretos velhos: ao serem incorporados esses espíritos são facilmente reconhecidos por sua postura arcada, passos trêmulos, suas mãos logo procuram uma bengala ou algo para apoiar-se e sua fala é tranquila. Da mesma maneira, as demais entidades podem ser reconhecidas por seu comportamento típico. Já no transe de encantados não é possível identificar tais

¹ Para um aprofundamento a respeito do que é dito no contexto acadêmico sobre a encantaria consultar Martins e Bairrão (2011).

trejeitos podendo haver confusão entre entidade e médium.

Os encantados contam que podem transitar livremente pelo terreiro porque são capazes de cuidar da “coroa”² do médium, inclusive ao serem incorporados muitas vezes retiram o pano branco que cobre e protege a cabeça dos médiuns, pela mesma razão: afirmam que não há necessidade de tal proteção, pois estariam “*tomando conta do cavalo*”. Com isso, mostram-se menos ou nada sujeito às regras e sistematizações, são imprevisíveis e dificilmente se moldam às rotinas dos rituais e mentais dos adeptos.

Sobre a encantaria, no Templo de umbanda Caboclo Flecha de Ouro, são apresentados pelos médiuns da seguinte forma:

São soldados devotos aos reis de suas nações. Dificilmente trabalham em terreiros de umbanda dando consultas, pois são espíritos muito sinceros, guerreiros e sua franqueza pode incomodar os consulentes. Além de serem muito agitados e barulhentos. São amigos dos amigos, adoram cervejas e bebidas adocicadas. Na realidade, trazem o perfil guerreiro dos antigos Mouros, a simpatia e a magia do povo cigano, a alegria dos marinheiros e a cura pelas ervas dos caboclos. Cada encantado pertence a uma família dentro da linha da encantaria, como por exemplo: família de Mouros, de Ramos, do Lençol, do Codó, da Gama. Essas famílias têm o seu líder, seu orixá, sua cor, seu ponto de força, embora o orixá regente e sustentador dessa linha seja nossa Mãe Iemanjá. Seu maior ponto de força se concentra na praia do Lençol no Estado do Maranhão. Na verdade, a linha dos encantados maranhenses continua sendo um mistério para todos.

Essas entidades podem ser incorporadas, confundirem-se e assumirem as características de qualquer outra categoria de espíritos do panteão umbandista. No entanto, a partir da coleta de dados em campo, os sentidos associados aos encantados mostraram particular proximidade àqueles relacionados à linha das crianças.

Erês, Ibejada: a linha dos espíritos infantis

Os espíritos de criança na umbanda compõem a linha de Cosme e Damião, associada ao orixá Ibeji, também conhecida como linha dos anjos e em alguns terreiros chamados de erês.

Segundo Campelo (2003, p. 80), no contexto umbandista, “de um modo geral, as Crianças podem ser interpretadas como a representação de todas as crianças que ‘morrem antes da hora’, seja em acidentes trágicos, seja por doenças”.

Nos terreiros, são referidos como uma das entidades principais do panteão umbandista. A criança é vista pelos adeptos como um espírito puro que morreu precocemente, portanto, seriam muito evoluídos espiritualmente. Em seus rituais, as sensações que se repetiram e foram relatadas pelos frequentadores como resultados da vivência da manifestação dos espíritos infantis foram: a alegria, a leveza e tranquilidade. Sua importância, na concepção dos pesquisados, é relacionada ao fato de lidarem com questões mais sutis, ligadas ao espírito, problemas de saúde ou ainda relacionados às crianças.

De acordo com Ligiéro e Dandara (1998, p. 86), os Ibêjis

[...] podem ser considerados como ‘eres’... eles adoram doces e guaraná e promovem uma animada ‘bagunça’ quando baixam nos terreiros. Sua energia é transbordante de vitalidade e alegria, sendo capaz de derramar as bênçãos da fertilidade e da harmonia quotidiana.

Para os médiuns do Terreiro de Umbanda Pai José do Rosário, essas entidades costumam estar presentes nos rituais, embora não sejam incorporadas com frequência, mas principalmente nos dias de festa. Nessas ocasiões, em geral, a forma de interação desses espíritos com os membros da assistência não é através da realização de consultas, ou do “passe”, mas principalmente por meio de formas não verbais de comunicação (brincadeiras, tônus afetivo, gestos, etc).

² Termo comum que na umbanda se refere ao topo da cabeça do médium, associada ao contato com o mundo espiritual.

Nos dias de festa de Cosme e Damião, que ocorre normalmente em setembro, os médiuns incorporam os espíritos de crianças mortas e se comportam com tal. Além disso, todo o terreiro se mobiliza para a realização dos preparativos, enfeita-se o lugar como em festas infantis, prepara-se uma mesa com bolos e diversos doces que todos, inclusive a assistência, ajudam a preparar. Há muita fartura de comida: doces e bebidas adocicadas.

Considerando as diversas influências culturais que se combinaram para subsidiar a construção social do infantil entre os terreiros estudados, refletida na experiência religiosa umbandista, destacam-se a influência católica e a africana.

A respeito da influência católica, Ligiéro, Dandara (1998), contam que São Cosme e Damião (os santos que aparecem nos altares umbandistas como representantes da linha das crianças), eram médicos de origem árabe, viviam na Grécia e atendiam privilegiadamente aqueles que não podiam pagar as consultas. Foram acusados de professarem a fé cristã e condenados à morte por volta do ano de 297. Talvez a cura espiritual que os adeptos buscam alcançar por meio da figura das crianças esteja relacionada à imagem dos médicos cristãos e caridosos.

A partir dos dados coletados e, conforme consta na literatura acadêmica, de acordo com Sobrinho (1978), por exemplo, a linha das crianças na umbanda corresponde culturalmente a um estágio muito elevado em que há grande preocupação com a saúde. Nesse sentido, pode-se estabelecer a hipótese de que tal preocupação estaria relacionada igualmente a influência dos santos médicos Cosme e Damião.

Além disso, é possível que o culto ao Divino Espírito Santo, que veio da Península Ibérica para o Brasil e aqui continuou popular, também tenha contribuído para concepção do infantil na umbanda. Tal culto é influenciado pelas

ideias de Joaquim de Fiore, teólogo e visionário do final da Idade Média que pregava que depois da idade do Pai (Antigo Testamento, em que os homens viviam de acordo com a carne) e da idade do Filho (a época atual e intermediária entre a carne e espírito), adviria o Reino do Espírito Santo, uma era de abundância e de igualitarismo em que o espírito predominará (Falbel, 1996). As festas do Divino têm como seu ponto alto a coroação das crianças que simbolizam o Império do Divino. Nesse momento, considera-se que há uma maior proximidade entre o Divino e os homens e a criança coroada assume o poder do Divino Espírito Santo (Gonçalves, 2008).

De acordo com Sobrinho (1978), a criança na umbanda igualmente estaria relacionada a símbolos do amor universal. Em seus pontos riscados está sempre presente o coração que pode ser visto como representando o centro, iluminação e felicidade.

Nessa perspectiva, destaca-se ainda um trecho na Bíblia (Lc. 18, 15-17) que trata do infantil:

Alguns levaram criancinhas para que Jesus tocasse nelas. Vendo isso, os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, chamou os discípulos, e disse: “deixem as crianças vir a mim. Não lhes proibam, porque o Reino de Deus pertence a elas. Eu garanto a vocês: quem não receber como criança o Reino de Deus, nunca entrará nele.

Há também nesse trecho uma concepção do infantil enquanto um estado a ser conquistado (futuridade) e que aproxima ao divino.

Contribuindo com o mapeamento da influência africana, Augras (1994) em seus estudos percebeu que apesar da duplicidade da divindade associada às crianças na umbanda, o orixá é denominado genericamente de “os Ibeji” normalmente não apresenta diferenciação para cada um deles.

Além disso, de acordo com Augras (1994), esse orixá se relaciona com todas as crianças nascidas em circunstâncias anormais, conhecidas também como

Abikus, isto é, “aqueles-que-nascem-para-morrer”. Essas são as crianças que nascem e morrem sucessivamente, como por exemplo, no caso de abortos. Acredita-se que o espírito da criança que nasce após um aborto é o mesmo que teria nascido anteriormente.

A característica marcante da criança *abiku* é, portanto, o fato de que ela

não tem menor a intenção de permanecer neste mundo, pois pertence a uma confraria de espíritos astuciosos, que se divertem demais juntos e que, desde seu nascimento, anseiam por regressar para junto de seus amigos e com eles se entreterem.” (Augras, 1994, p. 76).

Por isso, seus familiares amarram guizos em seus tornozelos, oferecem sacrifícios, ou dão-lhes nomes cuja virtude permita que resistam ao apelo da morte. Com relação ao sincretismo, Augras (1994) comenta que o culto dos Ibejis se exprime por meio da devoção a Cosme e Damião, sua representação através de imagens vem acompanhada de um terceiro, o Douí, “aquele que nasce depois dos gêmeos”.

Segundo Prandi (2001), que pesquisou a mitologia africana, o orixá *Ibêji* é tão poderoso que pode reverter o trabalho de qualquer outro orixá, porque foi o único capaz de enganar a morte. De acordo com a mitologia africana, houve uma época em que a morte espalhou diversas armadilhas pela floresta, causando o falecimento de homens, mulheres e crianças. Os mortais desesperados recorreram a todos os orixás, porém somente os gêmeos conseguiram convencer a morte a retirar suas armadilhas.

Assim, a imagem dos gêmeos aparece quase sempre associada a morte, seja através da figura dos *Abikus*: as crianças que nascem para a morte; ou dos orixás gêmeos que enganaram e venceram a morte; ou ainda os santos gêmeos que curam e combatem a morte.

Além disso, segundo Ligiéro e Dandara (1998, p.86):

Os gêmeos são igualmente importantes nas culturas indígenas da América do sul, onde geralmente representam irmãos civilizadores, ou ainda pares míticos como Coaraci e Jaci, os gêmeos Sol e Lua.

“Ele é pequenininho, mora no fundo do mar”

Durante o estudo sobre a introdução de uma nova categoria de entidades ao panteão umbandista: a encantaria (Martins, 2011), os erês se mostraram particularmente relacionados aos encantados. Os pesquisadores foram informados pelos médiuns de que os espíritos infantis poderiam ser entendidos como sendo pertencentes à linha da encantaria. Também parece haver uma proximidade entre essas linhas com relação aos seus sentidos implícitos. E, além disso, ao serem questionados sobre os encantados, os espíritos infantis foram os guias que falaram mais profundamente sobre eles e em suas brincadeiras, gestos e falas, os erês mostraram uma proximidade com a encantaria que não apareceu em nenhuma outra linha.

Durante uma gira de Cosme e Damião no Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro, por exemplo, uma criança espiritual falou para um dos autores que acendesse uma vela cor-de-rosa em seu nome e, dessa forma, o ajudaria a entender os encantados. Cabe assinalar que as entidades em geral orientavam os pesquisadores a se remeterem diretamente a linha da encantaria para saber sobre suas histórias, no entanto, esse espírito infantil disse para acender uma vela em seu nome para auxiliar no estudo dos encantados.

Em outra ocasião, outro espírito de criança disse que os encantados eram seus amiguinhos e que estavam todos presentes no culto das crianças. Ficava em silêncio como se os estivesse ouvindo e em seguida caía na gargalhada. Também pediu que colocasse flor, guaraná, doces e mel

(elementos normalmente associados às entidades infantis) perto do local de estudo dos pesquisadores, que os encantados apreciariam e os ajudariam. Disse ainda que, por não se tratar de espíritos, as pessoas não os entendem e não acreditam neles. Fazia um movimento de giro rápido com as mãos para mostrar como são os encantados, dizendo que vivem nas matas, rios, cachoeiras e para pensar no final do arco-íris (possível manifestação de Oxumaré) para encontrá-los.

Os encantados são relacionados, no Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro, ao orixá Oxumaré associado à transformação, à capacidade de mudar. Esse orixá, segundo conta a dirigente desse terreiro, pode adquirir tanto a forma de um arco-íris como de uma cobra, tendo tanto aspectos femininos, quanto masculinos. Tal associação remete à flexibilidade que apareceu relacionada aos encantados em diferentes ocasiões.

Em estudo que comparou os sentidos associados aos espíritos infantis com os do arquétipo da criança (Martins; Bairrão, 2009), destacaram-se também a flexibilidade e renovação. As crianças nos dois casos (arquétipo e espíritos) aparecem relacionadas a resolução de conflitos, à transformação. Os erês na umbanda, assim como nos mitos dos Ibejis, são vistos como entidades de imenso poder, capazes de atingir grandes feitos e podem ser relacionados também à morte; tanto pelo fato de terem morrido precocemente, mas também por estarem ligados à transformação, já que para o surgimento de algo novo, o que havia antes deixa de existir, morre.

É possível, portanto, relacionar também os sentidos atribuídos aos encantados ao arquétipo infantil no que diz respeito a sua capacidade de ser mutável. A linha da encantaria pode se transformar em homem, animal, adapta-se e se manifesta em qualquer linha da umbanda. Através do estudo de suas histórias, famílias se percebe como esse tema é

amplo e parece não haver limites para a criatividade.

Assim, as relações entre linhas mostram também as influências de várias origens que se juntam para a elaboração coletiva de novos sentidos. Por conseguinte, há uma síntese cultural de tradições, além de um processo psicológico

Enquanto as crianças na umbanda podem ser vistas como mediadores no processo de autorrealização, relacionadas à futuridade e às potencialidades do self (Martins; Bairrão, 2009), a encantaria também aparece relacionada à abertura de possibilidades. Nas palavras da dirigente do Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro, a importância dos encantados seria no sentido deles “*abrirem uma nova visão: Olha... existem outras linhas dentro da umbanda que às vezes não têm a oportunidade de trabalhar porque ninguém conhece*”. Assim, ressaltam-se como características marcantes associadas aos encantados à maleabilidade e à possibilidade do novo.

Acrescenta-se que os encantados também são animais. Segundo Safrá (1999), o aparecimento, na clínica, de imagens de animais assinala aspectos do self do paciente que ainda não foram integrados à personalidade. Dessa maneira, podem se relacionar às potencialidades da pessoa ainda não realizadas.

A partir disso, é possível associar a linha da encantaria, assim como a das crianças, à futuridade. Os aspectos relacionados aos animais em que os encantados se transformam, como, por exemplo, a capacidade de observação da águia, que a encantada da dirigente do Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro traz, poderia ser relacionada a uma característica potencial da própria dirigente. É como se fossem os responsáveis por preparar a consciência do médium, afrouxando a rigidez da racionalidade, dotando-os da capacidade de conviver com o maravilhoso e ao mesmo tempo dando pistas e fortalecendo potencialidades.

A encantada que incorpora na dirigente do Templo de Umbanda Caboclo disse para um dos autores desse estudo pedir para sonhar com os encantados para compreendê-los, revelando que a encantaria é da ordem do onírico, sua especialidade é o sonhar e trazer um pouco do seu mundo fantástico para a realidade daqueles com quem convivem. A possibilidade de viver lado a lado com o maravilhoso traz consigo a possibilidade de ressignificação da realidade.

No entanto, parecem trazer a ressignificação não apenas para a umbanda e seu panteão, mas também para a vida de seus adeptos. Segundo os médiuns contam, lidar e conviver com espíritos concebidos como almas de mortos já não é uma tarefa tranquila, eles buscam apoio na literatura e conhecimentos acerca da espiritualidade, de modo a compreender e organizar melhor a visão da mesma.

Porém, quando se trata da encantaria não há ainda uma sistematização de conhecimentos, cada entidade aparece quando quer e faz aquilo que tem vontade. Também não há uma definição rígida de categorias ou famílias, cada encantado trabalha de uma maneira, com determinados objetos rituais, cores de velas e elementos próprios: *“quando você pensa em caboclo, você já pensa em arco e flecha, arco, flecha e cocar. A eles [encantados] não tem como você associar nada, pra cada um deles é uma coisa, um tipo de instrumento, de ferramenta, de trabalho, né?”* (Dirigente do Templo de Umbanda Caboclo Flecha de Ouro).

Para os médiuns é tão complicado lidar com essa categoria que não pode ser associada a nada e ao mesmo tempo tudo, trazendo consigo qualquer possibilidade, seja de forma e instrumentos de trabalho, como em suas narrativas e no comportamento dos médiuns, que falaram para os autores quando esses demonstrarem interesse em estudar a encantaria: *“ih... vai pirar sua cabeça”*. Provavelmente esse comentário seja em função dessa abertura de possibilidades

que implica a noção de encantar-se. É comum dizer que para tudo na vida há um jeito, só da morte não se escapa, mas para o encantado, até a morte é relativa.

Também sobre a relação dos encantados com os erês, ambos se mostraram como seres atemporais. Os espíritos infantis, assim como o arquétipo da criança, são associados ao início e ao fim, isto é, a totalidade. A respeito da encantaria, observou Ferretti (1992), que a essas entidades não se aplicam condicionamentos temporais e espaciais; em suas histórias falam de um tempo fora do tempo e que vivem entre o espírito e a matéria, numa espécie de limbo.

No entanto, enquanto as crianças estão mais próximas do divino, do espírito e ligadas à totalidade (Martins; Bairrão, 2009), os encantados estariam mais próximos do homem (entre a matéria e o espírito). Assim, as crianças são sempre relacionadas à pureza e, normalmente, não se aproximam e não auxiliam em questões materiais. Já os encantados destacam-se por sua total flexibilidade e tratam dos mais diversos assuntos.

Também, diferentemente das crianças, os encantados são frequentemente associados ao medo, despertam sentimentos contraditórios de horror e fascínio. Isso pode se dar justamente por causa de sua grande maleabilidade. Os médiuns relatam que não sabem quando o encantado pode “aparecer” e também não fazem ideia do que pode ocorrer quando são incorporados. São entidades de muita força, *“que tomam conta da coroa do médium”*, e dados a atos inusitados: *“porque assusta, porque o médium vai falar: ‘Ai meu Deus do céu! O que eu vou fazer? Já pensou se o guia me cisma de virar uma bananeira?’”* (Encantada Mariana).

Em suma, foi possível perceber que assim como as crianças e o arquétipo infantil, os encantados podem ser associados à futuridade, às potencialidades e à plasticidade. Porém, para além dos erês, a encantaria é pura possibilidade,

podendo se apresentar em qualquer forma ou linha e parece trazer para a vida dos médiuns o convívio com o mundo dos sonhos e do mistério.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, compararam-se atributos de duas categorias de espíritos que frequentam os rituais umbandistas, as "crianças" e os "encantados". Levantaram-se aspectos de suas principais características, influências e usos rituais, além de destacar alguns benefícios que essas entidades proporcionam aos adeptos do culto.

Da mesma forma que os espíritos infantis, os encantados parecem ser responsáveis por trazer mais maleabilidade para a vida dos frequentadores da umbanda. Em suas narrativas, forma de interação e comunicação com os adeptos, essas categorias de entidades, aproximam-se do mundo dos sonhos, da fantasia e das possibilidades. A partir disso, permitem o contato com aspectos potenciais, atuam ampliando a criatividade e capacidade de imaginação daqueles que convivem com essas linhas do panteão umbandista.

Os encantados, portanto, parecem estar relacionados à possibilidade de restaurar a capacidade de sonhar dos médiuns, que passam a conviver com seres que são dotados de profunda liberdade de criação. Podem transformar, produzir o inusitado. É como se o infantil, a imaginação, o novo, se impusesse a outras categorias do panteão, possibilitando o “se encantar”.

Por fim, é possível que a introdução do culto aos encantados na umbanda se relacione, pois, a necessidade, por parte dos adeptos, de desenvolver e aprofundar esses aspectos associados a essa linha (maleabilidade, criatividade). O surgimento dessa nova linha permitiu que o infantil e suas características se impusesse a outras categorias do panteão, que passaram a se apresentar como encantados, trazendo novos sentidos e possibilidades.

Com isso, há possibilidade de ampliação do sistema simbólico umbandista, na direção de permitir matizar miscigenações dos símbolos, para melhor atender à expressão de vivências anímicas dos adeptos e talvez (quem sabe?), à expressão da alteridade divina que eventualmente possa estar subjacente ao seu funcionamento.

REFERÊNCIAS:

Augras, M. Os gêmeos e a morte. Notas sobre os mitos dos Ibeji e dos Abikus na cultura afro-brasileira. In: *As senhoras do pássaro da noite*. Prandi, R. São Paulo: Axis Mundi/Edusp, 1994. p. 73-84.

Bairrão, J. F. M. H. Espiritualidade Brasileira e Clínica Psicológica. In: *Espiritualidade e Prática Clínica*. Valdemar Augusto Angerami- Camon. (Org.). São Paulo: Thomson, 2004. p. 193-214.

_____. Águas e Labaredas: Memória e Reflexões de Gênero no Corpo da Umbanda. In: *Imagem / Memória*. Josette Monzani e Luiz Roberto Monzani. (Org.). São Carlos: Pedro & João Editores / CECH UFSCar, 2008. p. 249-278.

Bíblia. Português. Tradução Ivo Storniolo; José Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 1990. p. 1340.

Campelo, M. M, Luca, T. T. As duas africanidades estabelecidas no Pará. In: *Dossiê Religião*, 4., 2007. Disponível em:<http://www.unicamp.br/~aulas/Conjuncto%20II/4_13.pdf> Acesso em 25 jan. 2009.

Falbel, N. *São Bento e a ordo monachorum de Joaquim de Fiore (1136-1202)*. São Paulo: Revista Usp, (30) 1996. 273-276.

Ferretti, M. *Repensando o turco no tambor-de-mina*. Salvador: Afro-Asia, nº 15, 1992. p. 56-70.

_____. Encantaria maranhense: um encontro do negro, do índio e do branco na cultura afro-brasileira. In: *Anais da XXII REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 2., 2000, Brasília, 2000.

Disponível em:
<<http://www.divinoemaranhado.art.br/pag/grl/lit/0600300003.doc>> Acesso em: 12 jan. 2009.

_____. Encantados e encantarias no folclore brasileiro, São Paulo. In: *Anais do Seminário de Ações Integradas em Folclore*. 6., 2008. Disponível em: <http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Encantados%20e%20encantarias.pdf>. Acesso em 28 nov. 2008.

Ferretti, S. *Querebentã de Zomadônu*: Etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 1996.

Goncalves, J. R. S., Contins, M. Entre o Divino e os homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. Porto Alegre. In: *Horiz. antropol.* v. 14, n. 29, 2008. p. 67-94. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 jun 2012.

Jung, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução Maria Luiza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

Ligiéro, Z., Ligeiro, D. *Umbanda: paz, liberdade e cura*. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 1998.

Martins, J. R. *Encantaria na umbanda* [Dissertação de Mestrado]. Ribeirão Preto: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, 2011. Martins, J. R., Bairrao, J. F. M. H.. A criança celestial: perambulações entre aruanda e o inconsciente coletivo. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, Dec. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922009000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 Dec. 2010.

Martins, J. R., Bairrao, J. F. M. H. Psicanálise e encantaria: a enunciação insurgente. *Memorandum*, 21, 2011. p. 208-216. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a>

[21/martinsbairrao01](#). Acesso em 06 jun 2012.

Maues, R. H. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. *Estud. av.* v.19, n.53, 2005. p. 259-274. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01034014200500100016&lng=en&nrm=iso> Acesso em 13 dez. 2009.

Maues, R. H., Villacorta, G. M. Pajelança e encantaria amazônica. In: *Encantaria brasileira: o livro dos caboclos, mestres e encantados*. Prandi, R. Rio de Janeiro: Pallas. 2001. p. 11-58.

Prandi, R., Souza, P. R. Encantaria de mina em São Paulo. In: *Encantaria brasileira: o livro dos caboclos, mestres e encantados*. Prandi, R. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. p. 219-280.

Prandi, R. Nas pegadas dos voduns: Um terreiro de Tambor-de-mina em São Paulo. In: *Somavó, o amanhã nunca termina*. Moura, C. E. M. São Paulo: Empório de Produção, 2005. p. 63-94.

Safra. *A face estética do self: Teoria e Clínica*. Unimarco, São Paulo, 1999.

Sobrinho, A. T. D. *O universo simbólico da umbanda*. 1978. [Dissertação de Doutorado] São Paulo: Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1978.

Von Franz, M. L. V. *Puer aeternus: a luta do adulto contra o paraíso da infância*. Tradução Jane Maria Corrêa. São Paulo: Paulus, 1992.

Contribuição de cada autor:

Júlia Ritez Martins: pesquisa de campo, análise dos resultados e redação.

José Francisco Miguel Henriques Bairrao: orientação da pesquisa, análise dos resultados e redação.

Sobre os autores:

Júlia Ritez Martins. Graduação e Mestrado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (FFCLRP)
e-mail: juliaritez@gmail.com

José Francisco Miguel Henriques Bairrão. Graduação em Psicologia e em Filosofia pela Universidade de São Paulo (FFLCH e IP). Doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas

Laboratório de Etnopsicologia

Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP. Av. Bandeirantes, 3900 - CEP 14040-901 - Bairro Monte Alegre - Ribeirão Preto-SP Brasil.